

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE  
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS – UAG  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/ INGLÊS

**RESTRICÇÕES MODO-TEMPORAIS EM SENTENÇAS INTRODUZIDAS PELOS  
ADVÉRBIOS *ANTES* E *DEPOIS* ENCAIXADAS PELO COMPLEMENTIZADOR  
*QUE***

JOELMA SOBRAL DA SILVA

Garanhuns  
2019

JOELMA SOBRAL DA SILVA

**RESTRICÇÕES MODO-TEMPORAIS EM SENTENÇAS INTRODUZIDAS PELOS  
ADVÉRBIOS *ANTES* E *DEPOIS* ENCAIXADAS PELO COMPLEMENTIZADOR  
*QUE***

Trabalho de conclusão de curso de graduação da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG) como requisito parcial para obtenção de graduação do curso de licenciatura em Letras- Português e Inglês.

**Orientador:** Prof. Dr. Rafael Bezerra de Lima

Garanhuns  
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

Silva, Joelma Sobral dar Silva, Joelma Sobral  
Restrições Modo-Temporais em sentenças introduzidas pelos advérbios antes e depois encaixadas pelo  
complementizador que / Joelma Sobral Silva. - 2019.  
56 f. : il.

Orientador: Rafael Bezerra de Lima.  
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Letras  
(Português e Inglês), Garanhuns, 2019.

1. Advérbios temporais. 2. Antes e Depois. 3. Flexão modo-temporal. 4. Sintaxe. I. Lima, Rafael Bezerra de, orient.  
II. Título

CDD 410

---

JOELMA SOBRAL DA SILVA

**RESTRIÇÕES MODO-TEMPORAIS EM SENTENÇAS INTRODUZIDAS PELOS  
ADVÉRBIOS *ANTES* E *DEPOIS* ENCAIXADAS PELO COMPLEMENTIZADOR  
*QUE***

Monografia entregue à Universidade Federal Rural de Pernambuco –  
Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG), como requisito  
parcial a obtenção do título de Licenciada em Letras – Português,  
Inglês e suas respectivas Literaturas, sob a orientação do professor Dr.  
Rafael Bezerra de Lima.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Rafael Bezerra de Lima  
Orientador UFRPE/UAG

---

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins  
Examinador interno UFRPE/UAG

---

Profa. Me. Emanuelle Camila Morais de Melo Albuquerque  
Examinadora interna UFRPE/UAG

Garanhuns 21 de Novembro de 2019

Dedico este trabalho especialmente aos  
meus pais.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, Força Suprema, quem sempre está ao meu lado em todos os momentos da minha vida, me auxiliando a percorrer e superar os desafios que encontro, de forma segura.

Agradeço aos meus pais por estarem sempre comigo, por todo carinho e credibilidade depositados em mim. Agradeço também ao meu irmão Joel Sobral, e as minhas tias, Célia Sobral e Maria do Carmo Sobral, anjos terrenos.

Agradeço especialmente, o meu orientador, o Prof. Dr. Rafael Bezerra de Lima, quem esteve comigo durante toda essa minha nova trajetória acadêmica, quem me apresentou esse universo gerativista, que me encanta a cada descoberta, devo a ele toda essa bagagem linguística que conquistei, com sua presença pude obter uma caminhada de conhecimentos linguísticos segura, leve e com liberdade de criação, ele foi a minha inspiração. Obrigada pelo carinho, paciência, cuidado e atenção.

Também gostaria de agradecer de forma especial a Profa. Dra. Aliete Gomes Carneiro Rosa, pelo carinho e incentivo, ao Prof. Dr. Adeilson Sedrins, pelas ricas discussões no grupo de estudos, e a Profa. Me. Emanuelle. Agradeço também ao Prof. Dr. Marcelo Sibaldo, pela análise da primeira versão deste trabalho apresentado e pelos materiais enviados, que também me auxiliaram.

Agradeço de forma especial o Prof. Dr. Eduardo Kenedy. Obrigada pela atenção, pelas dicas valiosas e pelos materiais enviados, que me auxiliaram neste trabalho e com certeza também auxiliarão nos próximos.

Agradeço também aos amigos, em especial Marcionilo José de Vasconcelos Neto, uma pessoa de luz, quem tive o prazer de conhecer neste curso. Obrigada pelas discussões gerativistas que tanto nos fascinam.

Enfim, agradeço a todos os docentes da Unidade Acadêmica de Garanhuns do curso de Letras, que de alguma forma contribuíram com o meu crescimento acadêmico.

No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Desde o princípio, a Palavra estava com Deus. Por meio da Palavra, Deus fez todas as coisas, e nada do que existe foi feito sem ela. A Palavra era a fonte da vida, e essa vida trouxe a luz para todas as pessoas. A luz brilha na escuridão, e a escuridão não conseguiu apagá-la.

Jo 1:1-5

## RESUMO

O presente trabalho tem como escopo o estudo do sintagma verbal (VP) e sua relação com os advérbios *antes* e *depois* em orações encaixadas pelo complementizador *que*. Nesta acepção, procuramos descrever e analisar as restrições relacionadas às desinências modo-temporais em estruturas como: / A advogada respondia *antes* que o juiz interrogasse. / e / O músico tocará *depois* que ela pedir. Para tanto, utilizamos o quadro teórico da Teoria Gerativa para um embasamento na análise dos dados bem como o seu aparato metodológico. (CHOMSKY, 1993;1995; LIMA, 2006; 2010; CINQUE, 1999; ROCHA & LOPES, 2015; KENEDY, 2003; 2015; 2018; MIOTO & KATO, 2009). O estudo do tema se faz necessário para uma maior compreensão de fenômenos linguísticos relacionados à flexão modo-temporal de verbos no português brasileiro (PB). Procuramos defender a hipótese de três variáveis que influenciam nestas restrições, o valor aspectual, o valor modo-temporal e a interferência da relação dos advérbios *antes* e *depois* nas restrições modo-temporais. Tais restrições foram observadas na correlação entre o modo indicativo da oração matriz em correlação com o modo subjuntivo da oração encaixada. Para a análise dos dados, recorreremos as nossas intuições de falantes nativos do PB e aos testes de aceitabilidade com falantes nativos, os quais apresentaram indícios que atestaram as hipóteses aqui apresentadas.

**Palavras-chave:** Advérbios temporais, Antes e Depois, Flexão modo-temporal, Sintaxe.

## ABSTRACT

The present work has as scope the study of the verbal phrase (VP) and its relation with the adverbs *before* and *after* in complex sentences inserted by the complementizer *that*. In this sense, we seek to describe and analyze the limitations related to mode-time endings in structures such as: / The lawyer answered *before* the judge questioned. / e / The musician will play *after* she asks. For that, we use the theoretical framework of the Generative Theory for a basis in the data analysis as well as its methodological apparatus. (CHOMSKY, 1993; 1995; LIMA, 2006; 2010; CINQUE, 1999; ROCHA & LOPES, 2015; KENEDY, 2003; 2015; 2018; MIOTO & KATO, 2009). The study of the subject is necessary for a better understanding of linguistic phenomena related to the mode-time flexion of verbs in Brazilian Portuguese (PB). We seek to defend the hypothesis of three variables that influence these constraints, the aspectual value, the mode-time value, and the interference of adverb relations *before* and *after* the mode-time constraints. Such constraints were observed in the correlation between the indicative mode of the matrix clause in correlation with the subjunctive mode of the embedded clause. For data analysis, we used our intuitions of native speakers of PB and the acceptability tests with native speakers, which showed evidence that confirmed the hypotheses presented here.

**Keywords:** Temporal adverbs, Before and After, Time-mode flexion, Syntax.

## LISTA DE ABREVIATURAS

AdvP	Do inglês, <i>Adverbial Phrase</i>
AgrP	Do inglês, <i>Agreement Phrase</i>
C	Complementizador
CP	Do inglês, <i>Complementizer Phrase</i>
FF	Forma Fonética
FL	Forma Lógica
F	Flexão
GN	Grupo Nominal
GT	Gramática Tradicional
GU	Gramática Universal
IP	Do inglês <i>Inflectional Phrase</i>
LC	Linguística Contemporânea
NURC	Projeto da Norma Urbana Oral Culta
PB	Português Brasileiro
PM	Programa Minimalista
t	Traço de vestígio
T	Tempo
TP	Do inglês <i>Temporal Phrase</i>
V	Verbo
VP	Do inglês, <i>Verbal Phrase</i>

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	12
2. CARACTERÍSTICAS DOS ADVÉRBIOS ANTES E DEPOIS NA GRAMÁTICA TRADICIONAL E NA LINGUÍSTICA CONTEMPORÂNEA .....	14
2.1 GRAMÁTICA TRADICIONAL .....	14
2.1.1 Almeida .....	14
2.1.2 Bechara .....	15
2.2 LINGUÍSTICA CONTEMPORÂNEA .....	16
2.2.1 Castilho .....	16
2.2.2 Neves.....	17
2.2.3 Pontes .....	20
2.2.4 Ilari .....	21
2.2.5 Quadro categórico com as características dos advérbios <i>antes e depois</i> .....	21
3. A NOÇÃO DE TEMPO E ASPECTO .....	25
4. QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO .....	29
4.1 A TEORIA GERATIVA.....	29
4.2 A CATEGORIA FLEXÃO NA GRAMÁTICA GERATIVA.....	32
4.3 O APARATO METODOLOGICO .....	33
5. RESTRIÇÕES MODO-TEMPORAIS.....	35
5.2 ANÁLISE DO SINTAGMA VERBAL NUMA RELAÇÃO MODO-TEMPORAL.....	35
5.3 ANÁLISE MODO-TEMPORAL.....	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	52
REFERÊNCIAS.....	54

## 1. INTRODUÇÃO

Investigar a linguagem humana, numa perspectiva gerativa, é estudar um aspecto particular das faculdades mentais da espécie humana, o nosso conhecimento linguístico, tendo em vista que esta teoria tem como objetivo a descoberta de princípios e elementos comuns às línguas humanas por meio de processos cognitivos.

Segundo Chomsky (1995), as línguas se baseiam em princípios simples que entram em interação para formar estruturas complexas, ou seja, um sistema de performance tem acesso às informações cognitivas, o *input* linguístico, e as usam de várias maneiras, a que o indivíduo é exposto para depois fornecer o *output*, a língua.

Sendo assim, na busca de contribuir com a descoberta de possíveis fenômenos linguísticos na estrutura das sentenças por meio da sintaxe, é que este trabalho foi desenvolvido, pois acreditamos que os estudos sintáticos com base nessa teoria possibilitam a compreensão de propriedades da sentença, que os falantes e os ouvintes conhecem por intuição.

Segundo Kenedy (2018), as palavras se organizam em estruturas sintagmáticas, as quais se organizam dentro de outros sintagmas de maneira recursiva, essa organização é denominada hierarquia, uma propriedade fundamental da sintaxe das línguas naturais. O aspecto mais básico da hierarquia dos sintagmas é que todos eles são organizados em função de seu núcleo, no caso do VP<sup>1</sup>, o núcleo é um verbo. Porém, na maioria das vezes um núcleo sintagmático estabelece relações sintáticas com outros, em diferentes relações gramaticais.

No estudo do sintagma verbal, a complexidade para a interpretação do morfema flexional, em português, decorre da cumulação entre as noções de tempo e de modo e além disso, o tempo também pode ser representado por outros elementos, como, por exemplo, os advérbios.

Diante destas considerações, observamos que quando o VP se relaciona com os advérbios em orações complexas encabeçadas pelo complementizador *que*, ocorrem mudanças no percurso da ação verbal que restringem a sua atribuição categorial de modo, essa mudança é o foco do nosso trabalho. Para tanto, observaremos a correlação entre os modos indicativo na oração matriz em correlação com os modos subjuntivo nas orações encaixadas.

---

<sup>1</sup> Sintagma Verbal, do inglês *Verbal Phrase* (VP).

O estudo de fenômenos relacionados ao sintagma verbal, de uma forma geral, tem sido tão vasto quanto as diferentes manifestações deste fenômeno nas diferentes línguas naturais, tanto do ponto de vista morfológico, quanto de sua configuração sintática, tal fato se configura por ser um dos pontos fundamentais na tentativa de compreender, como se dá o funcionamento da faculdade da linguagem, porém um estudo desenvolvido para entender esse mecanismo levando em consideração sua manifestação em orações encaixadas pelo complementizador *que*, na presença dos advérbios temporais *antes* e *depois*, na correlação entre o modo indicativo na matriz *versus* o modo subjuntivo na encaixada, parece ainda não ter sido realizado, sobretudo dentro do quadro de investigação da gramática gerativa.

Diante disso, a presente pesquisa visa preencher uma lacuna até então existente, em busca de respostas para a seguinte questão central: por que acontecem restrições modo-temporais em sentenças introduzidas pelos advérbios *antes* e *depois* encaixadas pelo complementizador *que*, na correlação entre o modo indicativo na matriz *versus* os modos do subjuntivo na encaixada que obrigam a mudança de desinência modo-temporal em tais correlações?

A esse problema geral, atrelam-se outras questões geradoras, com a finalidade de tornar mais específica a abordagem ao objeto da investigação, a saber: diante de quais variáveis ocorrem essas restrições? Os advérbios *antes* e *depois* interferem ou não na flexão modo-temporal, se sim, em quais tempos essas interferências aparecem e por quê?

Para tanto, procedeu-se a aplicação de alguns testes de (in)aceitabilidade com falantes do PB a fim de averiguar a aceitabilidade desses falantes em relação à concordância mencionada em nossas hipóteses.

Este trabalho inicia-se com essa introdução, na próxima seção apresentaremos uma análise conceitual das características dos advérbios *antes* e *depois* na gramática tradicional e na linguística contemporânea, em seguida, na seção três, será abordado sobre a noção de tempo e aspecto, para depois, na seção quatro, apresentarmos o quadro teórico metodológico da nossa pesquisa, com base na teoria gerativa, em seguida discutiremos sobre a categoria flexão na gramática gerativa e o aparato metodológico; na seção cinco, discutiremos sobre as limitações modo-temporais, apresentaremos a análise do sintagma verbal num relação modo-temporal, para em seguida apresentarmos as análises junto aos dados investigados; por fim sintetizaremos nossas considerações a fim de organizarmos as ideias postas em pauta.

## 2. CARACTERÍSTICAS DOS ADVÉRBIOS ANTES E DEPOIS NA GRAMÁTICA TRADICIONAL E NA LINGUÍSTICA CONTEMPORÃNEA

### 2.1 GRAMÁTICA TRADICIONAL

Iniciamos nossas considerações, apresentando algumas características dos advérbios *antes* e *depois* pela Gramática Tradicional (GT), tendo em vista a sua presença nos estudos da estrutura da língua no português brasileiro (PB).

E mesmo possuindo objetivos diferentes das investigações gerativas, tais características são importantes de serem analisadas para facilitar a clareza dos fenômenos da língua, em específico sobre esta categoria tão heterogênea, que são os advérbios.

Sem perder de vista a perspectiva gerativista que norteia esta pesquisa, para ampliarmos o nosso estudo, trazemos autores que aprofundam o tema, mesmo sendo esses autores de linha diferente da nossa.

#### 2.1.1 Almeida

Segundo Almeida, os advérbios *antes* e *depois* estão classificados no grupo referente aos advérbios temporais, em sua análise, o autor observa que eles não se confundem com as locuções prepositivas *antes de* e *depois de*, as quais, segundo o autor regem substantivos ou palavra substantivada:

- (1) Cheguei *antes*, sairei *depois*.
- (2) Cheguei *antes* d(e)o chá.
- (3) Vou *antes* de você.

( ALMEIDA, 2009, p.318, grifos nossos)

Com esta análise, é possível perceber que o autor reconhece a interferência dos advérbios ajudando na delimitação de tempo, na estrutura da sentença, pois parafraseando a oração em (3), teríamos a interpretação do verbo “vou”, como uma conjugação da primeira pessoa do singular do presente do indicativo, modo que apresenta uma ação praticada no momento da fala, ou seja, no tempo atual, sem a necessidade de outra ação, nem anterior, nem posterior.

Quando colocamos o advérbios *antes*, entendemos um tempo anterior, a anterioridade em relação ao outro constituinte da sentença, nesse caso “você”, caso colocássemos o advérbio *depois*, observaríamos um tempo posterior a ida, num tempo posterior a “você”.

### 2.1.2 Bechara

Segundo Bechara, os advérbios se pautam de duas formas, na primeira, por valores semânticos das unidades que o constituem e na segunda, por critérios funcionais. No primeiro caso, o autor classifica os advérbios como denotadores de tempo ( agora, antes, tarde, etc).

( BECHARA, 2006. p. 290)

Na análise sobre os advérbios, o autor ainda menciona a existência de combinações dos advérbios para marcar melhor sua função, mediante o emprego de uma preposição ou quando precedem o que ele chama de “transpositor *que*”, para marcar a circunstância, formando o que a gramática chama de *locuções conjuntivas* adverbiais, como na sentença a seguir:

(4) Ainda *que* estude, terá de aperfeiçoar-se depois *que* se gradue.

( BECHARA, 2006. p. 288)

Embora também classifique os advérbios no grupo dos temporais, o autor aborda sobre o emprego do complementizador *que*, como um elemento que transforma o advérbio em uma locução conjuntiva.

Na próxima seção, serão analisadas as características dos advérbios *antes* e *depois*, com base na linguística contemporânea.

## 2.2 LINGUÍSTICA CONTEMPORÂNEA

Depois de observadas as características dos advérbios *antes* e *depois*, na GT, se torna pertinente analisar o que apontam os estudos linguísticos contemporâneos. Embora existam diferenças nas respectivas abordagens, as características trazidas por ambas podem facilitar o entendimento de regras gerais sobre o comportamento dos advérbios na estrutura da sentença e na sua relação com os demais constituintes na análise das limitações modo-temporais.

### 2.2.1 Castilho

O autor menciona que os advérbios também operam no campo da dêixis, propriedade normalmente exemplificada por pronomes; sendo assim essa propriedade “lança uma ponte entre os advérbios e os pronomes, tanto é assim que elas ora são incluídas entre os pronomes, ora são inscritas num espaço intermediário, donde o rótulo de pronomes adverbiais”. (CASTILHO, 2016, p. 578).

Na análise do *corpus* com dados dos inquiridos do Projeto da Norma Urbana Oral Culta (Nurc), o autor menciona que no eixo sintático, os advérbios se dividem em advérbios de constituintes e advérbios de sentença, definidos conforme o grau de maior ou menor conexidade com o verbo.

Castilho (2016) apresenta uma definição de advérbios dêíticos em estruturas de redobrimento sintático, por meio de sintagmas preposicionais e menciona o advérbio *depois* dentre seus exemplos, como advérbio verificador de tempo:

(5) **Depois** disso ainda tive problemas.

(CASTILHO, 2016, p. 549, exemplo (12b)).

Com relação à classificação, o autor categoriza *antes* e *depois* como advérbios dêíticos de lugar no eixo horizontal, numa dimensão espacial e ainda observa que tais advérbios quando seguidos de um complementizador, constituem posições complexas, em seguida o autor enfatiza que tais advérbios funcionam como “coringas”, entrando indiferentemente na indicação do lugar ou do tempo. Ao mencionar sobre os advérbios dêíticos de tempo, o autor classifica *antes* como passado e *depois* como futuro.

### 2.2.2 Neves

Neves (2002) considera que os advérbios de tempo, assim como os advérbios de lugar, têm um estatuto particular, que a tradição gramatical não tem avaliado. A autora faz um estudo sobre os advérbios circunstanciais e assenta-se, inicialmente, à consideração de lugar e tempo como categorias dêiticas<sup>2</sup>.

Para a autora, em algumas situações podem ocorrer o trânsito da categoria de lugar para a de tempo em ocorrências onde um advérbio de lugar pode indicar tempo e vice versa, como no exemplo a seguir, onde o advérbio de tempo, *depois* para a autora indica lugar:

(6) E o trecho *depois* de Conquista... Ave-Maria! Já não aguento mais!

(NEVES, 2002, p. 250, exemplo (5)).

A autora ainda menciona um sub agrupamento dos advérbios de tempo fóricos<sup>3</sup> e não-fóricos e classifica os advérbios *antes* e *depois* como não-fóricos.

Neste sentido, os advérbios não-fóricos efetuam a expressão de tempo, se movimentam na esfera das relações como conjunção temporal, no caso de *antes/depois*, numa relação de anterioridade/posterioridade de um momento ou período com outro.

(7) *Depois* de um prazo o senhor paga tanto.

(NEVES, 2002, p. 251, exemplo (12)).

Numa análise sintático-semântica, a autora descreve que os advérbios circunstanciais possuem função argumental nuclear, “pois preenchem uma casa da valência do verbo, pertencendo ao sistema de transitividade realizada por advérbios que circunstanciam participantes localizáveis no espaço/ no tempo, ou estados/processos/ações” :

(8) A festa será *antes* das seis.

---

<sup>2</sup> Neves define categorias dêiticas como categorias: “ que provêm orientação por referência ao falante-agora, que é o complexo modo-temporal que constitui o ponto de referência do evento de fala. Entenda-se, na dêixis, a referenciação de um segmento significante a um estado de fato, a partir de coordenadas estabelecidas no enunciado.” ( NEVES, 2002, p.250)

<sup>3</sup> Para Neves, entende-se por advérbios fóricos: “o elemento que propicia a busca ou a recuperação de informação, por remissão a um ponto do enunciado, ou à situação de enunciação. [...] Os advérbios fóricos têm natureza pronominal”.

Numa função adverbial, o advérbio efetua circunstanciação ( é locativo, no espaço ou no tempo, do estado/processo/ação):

(9) o bom é sair *antes* das seis.

( NEVES,2002, p. 255-256, exemplos 27 e 34):

Numa função adnominal, o advérbio efetua circunstanciação de nome com traço/localizável, /situável/ no espaço ou no tempo, nos casos abaixo efetuam conjunção de frases ou sintagmas:

(10) vou trabalhar... *depois* saio na hora de buscá-los

(11) as roupas maravilhosas os cenários... *depois* vários artistas de televisão.

(12) é o primeiro grau *depois* o segundo grau.

( NEVES,2002, p. 257, exemplos 44-46)

Segundo Neves (2002, p.266), na semântica dos advérbios de tempo existe uma relação entre tempo e aspecto, no caso de tempos determinados por meio de dois valores temporais (presente e passado), que segundo a autora têm natureza dêitica, por ser propriedade da sentença e da enunciação e de dois valores aspectuais (completado e durativo), de natureza não-dêitica, por ser propriedade da sentença, mas não da enunciação, pois segundo a autora se refere à constituição interna do desenvolvimento temporal do processo.

Sendo assim, ainda segundo a autora, se tempo se liga a dêixis, aspecto se liga não apenas à não-dêixis (definição negativa de aspecto), mas à quantificação, isto é, a intermediação na polaridade. Nessa intermediação se abrigam os componentes *frequência* e *duração*, que se resolvem, ambos, como apontado no desenrolar do processo, visto em sua constituição temporal interna. É nessa constituição interna, portanto não-dêitica, que momentos ou intervalos de tempo se estendem (duração) ou se somam (frequência).

Assim, pois, frequência e duração, como indicações semânticas, tocam a semântica temporal, situando-se em um estado e coisas que envolvem temporalmente, de um estado de coisas inicial para um estado final, embora desconsideradas a ancoragem no tempo de enunciação.

Com relação aos traços semânticos dos advérbios de tempo, a autora menciona que a característica geral dos advérbios de tempo é a indicação de circunstância de tempo como em casos de situação, de duração e de frequência.

A autora exemplifica casos de situação com o advérbio *anteriormente*, o qual indicaria o momento ou período anterior ao presente:

(13) Setores, como já frisei anteriormente, da mais relevante importância.

O advérbio *antes*, no sentido de antigamente:

(14) <ir ao concerto> agora não tem a mesma graça que *antes*.

Com o advérbio *futuramente* no sentido de época posterior a esta.

(15) é um ensaio para futuramente... atendermos as normas jurídicas.

Exemplos de não-fóricos não referido a um determinado momento da enunciação ou do enunciado.

O advérbio *antes* no sentido de “anterior a” (+de +SN)

(16) Eu não sei se sairei justamente antes das seis horas da manhã.

O advérbio *depois* no sentido de “posterior a” (+de + SN)

(17) ou saio *depois* das oito.

( NEVES,2002, p. 268-269, exemplos 115, 118,120, 141 e 142)

Na análise das propriedades distribucionais dos advérbios de tempo, Neves menciona alguns exemplos que apresentam a mesma distribuição de um GN<sup>4</sup>, não-fóricos, equivalente ao momento ou período situativos:

(18) Esse é um costume de *antes* da televisão.

(19) ou saio *depois* das oito.

---

<sup>4</sup> Segundo a autora, ocorre um GN, ou seja, grupo nominal, quando um nome é determinado por artigo e precedido por preposição atribuidora de caso.

( NEVES,2002, p. 275, exemplos 171 e 142)

De tempo relativo de um momento ou período relacionado temporalmente com outro momento ou período:

(20) Fizeram tudo isso *antes*.

(21) Vou trabalhar...*depois* saio na hora de busca-los.

(22) É o primeiro grau *depois* o segundo grau.

( NEVES,2002, p. 279, exemplos 183, 44 e 26)

Diante de tais considerações, a autora demonstra que os advérbios *antes* e *depois*, apresentam diferentes características com base no contexto estrutural da sentença e na relação com os constituintes, que pode ser relativo a um momento ou período de tempo e até com base em características situacionais.

### 2.2.3 Pontes

Ao abordar sobre as expressões de tempo, no estudo de como o espaço é organizado em português e, em seguida, como o tempo é concebido metaforicamente partindo dele, Pontes descreve algumas características dos advérbios temporais e, dentre eles, menciona *antes* e *depois* como elementos espaciais, indicadores de tempo.

Segundo Pontes, os advérbios *antes* e *depois* tomam como ponto de referência: ou algum ponto determinado no tempo ou algum acontecimento no discurso. *Antes* é sempre antes de alguma coisa e *depois*, sempre depois de alguma coisa:

(23) Vamos tomar alguma coisa *antes*.

(24) Vamos entrar, *depois* saímos.

(25) Saímos *antes*, comemos *depois*.

(PONTES,1992, p. 81)

No estudo, a autora apresenta um quadro, no qual ela separa os advérbios numa linha do tempo, determinada pelo momento da fala, numa concepção espacial e nesse quadro, ela apresenta o advérbio *antes*, como um advérbio que se refere a um momento antes do presente, e o advérbio *depois*, como um advérbio referente a um momento posterior ao tempo presente.

Para a autora, o conceito de tempo é “ - uma metáfora espacial – a metáfora da linha, formada de pontos, em que os acontecimentos se sucedem, ‘uns depois dos outros’”. (PONTES, 1992, p. 82).

A autora ainda apresenta um exemplo, em que ela afirma a possibilidade de se observar com *depois*, nitidamente a mistura de espaço e tempo”:

(26) As pessoas chegaram umas *depois* das outras.

(PONTES, 1992, p. 82)

Com base nas análises apontadas pela autora, fica visível a característica de tempo e aspecto dos advérbios *antes* e *depois*.

Essas características de tempo e aspecto, observadas pela autora, são extremamente importantes no nosso estudo, pois seriam possíveis hipóteses de interferências apresentadas em nossas análises modo-temporais, como veremos na seção 5.

#### 2.2.4 Ilari

No estudo de Ilari (2002), o autor apresenta a classe dos advérbios aspectuais e associa limitações impostas por alguns advérbios por meio de relações semânticas que eles mantêm com o resto da sentença, como com relação à natureza do predicado, a escolha do verbo, do tempo verbal em que ele é conjugado e pela quantificação dos sintagmas nominais.

Segundo Ilari, muitos advérbios de ‘tempo’, trazem indicações aspectuais inesperadas; é importante ter isto em mente não só para entender por que a língua dispõe de tantos advérbios aparentemente sinônimos, mas ainda para explicar a relativa frequência com que os chamados ‘advérbios de tempo’ impõem restrições à composição lexical do predicado. (ILARI 2002).

Em sentenças marcadas aspectualmente pela presença de advérbios, “ categorias aspectuais como duração, repetição etc.; sempre por hipótese, essas categorias deveriam permitir a distinção de diferentes processos e circunstâncias ( separando, por exemplo, estados de coisas e eventos, ou localização no tempo e na duração)” ( ILARI, 2002, p. 145).

Ainda segundo o autor, a compatibilidade dos adjuntos com o resto da oração explicar-se-ia, de maneira geral, pelo fato de indicarem circunstâncias compatíveis ou não com o processo descrito pela oração como um todo.

Em seu estudo, o autor apresenta a diferença entre anáfora de tempo e dêixis de tempo e destaca que a distinção entre esses dois processos é fundamental para a análise de que uma parte dos adjuntos de tempo pode ser empregado indiferentemente como anafórico ou dêíticos, ao passo que outros são apenas dêíticos, e outros apenas anafóricos. Ele menciona *antes*, como apresentando o sentido de anterioridade e *depois* com o sentido de posterioridade.

Nos dados Nurc, analisados pelo autor, ele apresenta alguns exemplos:

(27) Setores, como já frisei *anteriormente*, da mais alta importância.

( ILARI 2002, p. 147, exemplos (6))

(28) Tudo isso a gente vai discutir um pouquinho melhor *depois*.

( ILARI 2002, p. 148, exemplos (8))

É possível observar que as noções relativas de simultaneidade, anterioridade e posterioridade fazem parte do sentido de ambas;

Nos exemplos de Ilari, o mesmo se dá com a referência a horários e calendários e a possibilidade de medir o tempo em segmentos de natureza convencional, além da sugestão de cálculos de cronologia que podem recorrer à noção de momento ou de intervalo. A diferença é que dêixis temporal sempre localiza momentos ou períodos por referência ao momento de fala: nesse sentido, *depois* recebe interpretação dêítica em (29) mas não em (30):

(29) *depois* eu conto à senhora a piada.

(30) Vou conhecer primeiro o Brasil, *depois* eu saio.

( ILARI, 2002, p. 146)

O autor destaca que as alternativas de anterioridade, simultaneidade e posterioridade apresentadas “podem ter ou não um caráter dêítico; por definição, somente quando fica caracterizada a referência ao momento de fala cabe falar em dêixis e, portanto, em ‘passado’, ‘presente’ ou ‘futuro’.” ( ILARI, 2002, p. 149).

Na análise do autor, a aplicação de adjuntos adequados ao presente o transforma em um ‘presente-futuro’, que localiza eventos em um momento posterior ao da fala. ( ILARI, 2002)

A distinção entre momento de fala e momento de referência é indispensável não só para explicar os tempos verbais numa visão prospectiva e outra retrospectiva, como também

para sistematizar valores semânticos do presente e do imperfeito do indicativo como uma forma frequente na análise dos inquiridos do NURC, que exprime o ‘presente do passado’. (ILARI, 2002)

Segundo Ilari (2002) em português existem várias maneiras de expressar a duração de um processo, por meio do chamado “esquema temporal subjacente”, do alemão Aktionsart. O autor cita Vendler, para abordar sobre a natureza aspectual de verbos no inglês. Para ele, os verbos no inglês devem ser classificados com base nos adjuntos a eles associados.

A distinção de três tipos de “esquemas temporais subjacentes” ajuda a explicar algumas singularidades da interpretação de adjuntos e algumas restrições de seu uso. Ilari apresenta com base na classificação de Vendler, aplicada ao português, três classes de processos:

- (a) Processos pontuais, incompatíveis com a ideia de duração;
- (b) Processos duráveis, que evocam a ideia de ‘tempo gasto’, ‘tempo empregado’; respondem a pergunta: “em quanto tempo?” ou “quanto tempo levou para”.
- (c) Processos duráveis que evocam a ideia de ‘tempo escoado’. Respondem a pergunta: “por quanto tempo?”

( ILARI, 2002, p. 160-162).

Essas características de pontualidade e duração apontadas pelo autor como esquemas temporais, explicam a interpretação de adjuntos e algumas restrições de seu uso com base na linguística contemporânea (LC).

Na próxima subseção apresentaremos um quadro com o mapeamento das características dos advérbios *antes* e *depois*.

### 2.2.5 Quadro Categórico com as Características dos advérbios *antes* e *depois*

Com base no que os autores analisados propuseram nas seções 2.1 e 2.2, faz-se necessário organizar um quadro com as características dos advérbios *antes* e *depois*, com base na Gramática Tradicional e na Linguística Contemporânea.

CARACTERÍSTICAS DOS ADVÉRBIOS TEMPORAIS	ADVÉRBIO ANTES	ADVÉRBIO DEPOIS
Denotadores de tempo	X	X
Adv + <i>que</i> : Marcam circunstâncias	X	X
Dêiticos de tempo com dois valores aspectuais completado e durativo	X	X
Possuem uma relação de tempo e aspecto	X	X
Não-fóricos numa relação de anterioridade	X	
Não-fóricos numa relação de posterioridade		X
Apresenta valores temporais de passado	X	
Apresenta valores temporais de futuro		X
Possuem elementos espaciais indicadores de tempo	X	X
Influenciam em casos de sentenças bem formadas	X	X

Quadro 1<sup>5</sup>: características dos advérbios temporais *antes* e *depois*.

O resumo das características dos advérbios *antes* e *depois*, mapeadas pela análise conceitual encontrada na gramática tradicional e na linguística contemporânea, por meio deste quadro categórico, teve como intuito observar se tais características influenciam nas limitações modo-temporais das orações encaixadas pelo complementizador *que*, analisadas ao longo da pesquisa, e que foram objeto de uma primeira versão apresentada.

A partir desta primeira versão, ocorreram algumas discussões e novas pesquisas foram realizadas, as quais possibilitaram o levantamento de novas hipótese, como a possibilidade da influência de valores modo-temporais e aspectuais.

Mais uma vez, como já mencionado na seção 2, se faz necessário esclarecer que foram utilizadas descrições de autores de linha de pesquisa diferente da nossa pela falta de material bibliográfico na perspectiva gerativista que pudesse aprofundar o tema sobre as características lexicais dos advérbios *antes* e *depois*.

Na próxima seção será analisada a noção de tempo e aspecto.

<sup>5</sup> O quadro com as características dos advérbios *antes* e *depois* é de nossa autoria com base no mapeamento conceitual levantado por nós, baseado no estudo do que dispõem a GT e a LC, como apresentados nas seções 2.1 e 2.2.

### 3. A NOÇÃO DE TEMPO E ASPECTO

A categoria de tempo é de fundamental importância quando se quer lidar com a verdade e falsidade de juízos, pois é por meio dele que se confere valor de verdade como bem menciona Kato & Miotto: “uma sentença no infinitivo não é nem verdadeira nem falsa.” (KATO & MIOTTO, 2009, p.28).

Chomsky e seus seguidores trataram a categoria de tempo como um constituinte central da sentença. A categoria de tempo se manifesta como flexão (Flex) e o núcleo sentencial pode ser tratado ora como flexão ora como tempo, tendo em vista que a categoria flexão pode abrigar a flexão de tempo e também a de concordância. A junção dos morfemas de tempo e de pessoa ao verbo resultam numa forma flexionada do verbo. Sendo assim, podemos perceber que a categoria *Flex* estabelece a relação de predicção por meio da concordância e do caso nominativo (KATO & MIOTTO, 2009).

Ao analisar uma relação de adjunção, Kato & Miotto caracterizam o adjunto de tempo como um adjunto de *Flex*, a categoria que incorpora o tempo verbal e exemplifica mostrando formas de sentenças bem e mal formadas:

(31) \* João trará a mesa de Florianópolis de carro *na semana passada*.

(32) João trará a mesa de Florianópolis de carro *na semana que vem*.

(KATO & MIOTTO, 2009, p.38 exemplos 42a e 42b)

Com os referidos exemplos, os autores explicam o motivo pelo qual a sentença em (32) é bem formada, enquanto (31) não é: *na semana passada* não pode predicar ou especificar o tempo futuro amalgamado ao verbo trazer, o que pode acontecer com *semana que vem*. Com essa explicação, podemos concluir que os advérbios de tempo apresentam características que podem interferir e causar restrições modo-temporais, influenciando em casos de sentenças bem ou mal formadas.

Ao tratar sobre a periferia à esquerda da sentença, Kato & Miotto (2009) mencionam que as sentenças podem se expandir à esquerda do sujeito por meio de constituintes adverbiais, por meio de constituintes com função discursiva como o tópico e o foco e através de encaixe pelos complementizadores *que* e *se*, e exemplificam:

(33) Ele comprou o novo *Harry Potter*.

(34) Pedro disse [ SC que [ sFlex ele comprou o novo *Harry Potter*]].

Segundo os autores, a sentença derivada em (33) se expande do lado esquerdo, mediante o acréscimo dos itens *que* ou *se*, para ser parte de uma outra sentença superior. Para que [ele comprou o novo *Harry Potter*] possa ser o complemento dos verbos da sentença matriz, é preciso que um elemento gramatical a introduza: o complementizador *que*, no exemplo (34). Os complementizadores preenchem C, sendo o núcleo de sua própria projeção, SC (Sintagma Complementizador).

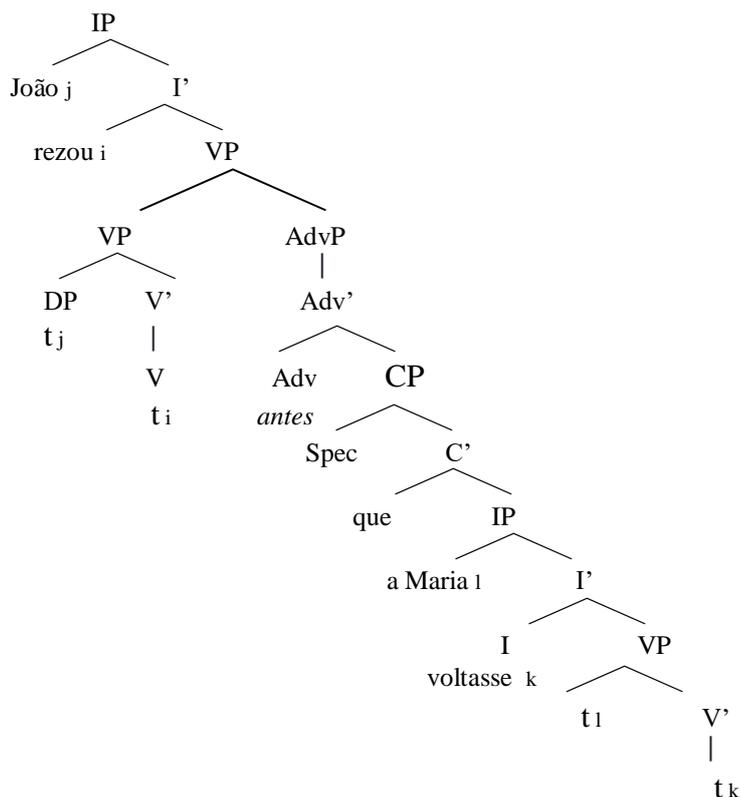
Segundo Mioto, Silva e Lopes (2016), o complementizador *que*: além de possibilitar o encaixe de complementos sentenciais de verbos, encabeça complementos de nomes, de preposições e de advérbios. Como nos exemplos em (35) e em (36) a seguir:

(35) João rezou *antes* que a Maria voltasse.

(36) João rezou *depois* que a Maria voltou.

(MIOTO,SILVA E LOPES 2016, p. 109, exemplos (105a) e (105b)).

Apresentando o exemplo (35) na estrutura arbórea<sup>6</sup> a seguir, podemos observar melhor a trajetória de cada constituinte, na correlação verbal:



<sup>6</sup> Estrutura arbórea retirada de Mioto, Silva e Lopes (2016, p.110), com algumas adaptações.

Ao analisarmos a estrutura arbórea, podemos observar que o complementizador *que* além de possibilitar o encaixe de complementos sentenciais de verbos, também encabeça complementos de advérbios, como os advérbios temporais *antes* e *depois*. Além disso, podemos observar que o advérbio *antes* selecionou flexão de subjuntivo.

Como o nosso estudo tem como foco a análise de restrições modo-temporais, estas observações são importantes, assim como a noção aspectual.

No Programa Minimalista, vários estudos foram empreendidos no sentido de compreender melhor a categoria aspecto, incluindo-a na camada flexional. Um desses estudos foi de Cinque (1999), o autor pesquisou dados de várias línguas, sobre a relação dos advérbios e os núcleos funcionais e propôs que advérbios estariam na posição de especificador de projeções funcionais e, nessa perspectiva, o autor incorporou a noção aspectual à estrutura sintática de uma sentença, desencadeando, portanto, sintagmas de aspecto, ao lado de outros sintagmas, tais como o de tempo e de modo.

Desta forma, entende-se que a relação existente entre verbo, complementos e advérbios desencadeia interpretação aspectual, pois a categoria aspecto é marcada não apenas no verbo, mas, sim, por traços sintáticos e semânticos expressos em todo o sintagma verbal.

Na proposta de Cinque (1999), traços gramaticais estariam em vários tipos de categorias lexicais e funcionais nas diversas línguas naturais. Ao relacionar várias classes de advérbios com núcleos funcionais, dentre eles, modo, tempo e aspecto, o autor verificou que parece haver uma relação estreita entre advérbios e nódulos temporais e aspectuais.

Tendo em vista que este trabalho ancora-se nos pressupostos da Teoria Gerativa e, nessa perspectiva, existiria uma faculdade da linguagem que incorporaria princípios gramaticais universais e um conjunto de parâmetros que imporiam restrições entre as estruturas sentenciais permitidas nas línguas naturais, pode-se verificar uma possível relação de tempo e aspecto e sua relação com outros constituintes da sentença como o complementizador *que*, e os advérbios *antes* e *depois* nas limitações modo-temporais analisadas nesta pesquisa.

De acordo com Castilho<sup>7</sup> (2002), o aspecto verbal trata-se de uma propriedade da predicação, sendo assim, para codificar os significados aspectuais, vários recursos linguísticos podem ser adotados, dentre os citados pelo autor, os que nos interessam seriam por meio semântico e por meio composicional, através de recursos morfológicos e sintáticos, resultante da combinação dos verbos com a flexão e os verbos auxiliares e da combinação dos argumentos do verbo e os adjuntos adverbiais.

---

<sup>7</sup> Para complementar um pouco mais o tema, foram incluídas descrições de autores de linha de pesquisa diferente da nossa.

Por outro lado, o tempo é uma propriedade da predicação cuja interpretação tem de ser remetida pela situação da fala. É assim que se podem representar a anterioridade, a simultaneidade e a posterioridade. O tempo também depende da noção de intervalo ou de duração. (CASTILHO, 2002).

Segundo Wachowicz & Foltran (2006), ao falar de aspecto “ podemos nos referir a diferentes fatos linguísticos que nos levam a interpretação de uma sentença”. Segundo as autoras há dois domínios que se relacionam, o aspecto lexical e o aspecto gramatical, no primeiro as autoras citam Smith (1991), analisando que no aspecto lexical se localiza a oposição entre télico *versus* atélico<sup>8</sup>. Já o aspecto gramatical, segundo as autoras, seria caracterizado, em algumas línguas, por uma morfologia flexional que acarreta a distinção de perfectivo *versus* imperfectivo.

Por hora, em nosso estudo, nos interessa a noção de aspecto gramatical, tendo em vista que operações morfológicas da flexão introduzem uma leitura de uma ação verbal de forma completada ou não, ou seja, de aspecto perfectivo ou imperfectivo da sentença.

Para Wachowicz & Foltran (2006), o presente simples no PB resulta de uma leitura imperfectiva, já o passado perfeito simples, por exemplo, apresenta um aspecto perfectivo, tendo em vista que sua morfologia implica semanticamente numa eventualidade transmitida como acabada, completada.

Em nossas análises, como será apresentado na seção 5.0, observamos uma hipótese de variável de valor aspectual que pode ser causa de restrição modo-temporal, baseada na noção de aspecto perfectivo, e aspecto imperfectivo entre os tempos do modo indicativo na matriz em correlação com os tempo do modo subjuntivo na encaixada.

Na próxima seção abordaremos o quadro teórico-metodológico da nossa pesquisa.

---

<sup>8</sup> Para as autoras, télico seria uma característica de um tipo de eventualidade com um ponto final, enquanto atélico seria um evento em progressão ou em desenvolvimento. Para um estudo aprofundado indicamos a leitura de Wachowicz & Foltran (2006).

## 4. QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A presente pesquisa fundamenta-se nos pressupostos da Teoria Gerativa, com base no Programa Minimalista (CHOMSKY 1993;1995; 1999;2005). Sendo assim, este capítulo tem como objetivo apresentar os fundamentos nos quais se assenta essa teoria, demonstrando sua pertinência para a explicação dos dados obtidos nesta pesquisa. Para tanto, este capítulo se subdivide em duas seções que de forma objetiva apresentará os principais conceitos relacionados à Teoria Gerativa e à categoria flexão na gramática gerativa.

### 4.1 A TEORIA GERATIVA

A Teoria Gerativa é uma teoria linguística, proposta e desenvolvida por Noam Chomsky, a partir dela foi possível obter um avanço na compreensão das questões relacionadas à faculdade da linguagem humana, tendo em vista que essa teoria apresenta uma proposta de existência de estruturas universais inatas, ao descrever e explicar os procedimentos mentais responsáveis pela geração das estruturas da linguagem, os quais possibilitariam a aquisição de uma língua natural.

Nesse sentido, a Teoria Gerativa se volta para os aspectos mais formais da linguagem, como aqueles relativos à compreensão e à produção de sentenças, para dar conta das chamadas características definidoras das gramáticas das línguas humanas. Em se tratando do caráter inato da linguagem, os estudos empreendidos por Chomsky focam-se na hipótese de que exista uma faculdade da linguagem que é inata e biologicamente codificada, destinada especificamente à aquisição e à utilização da linguagem. Sendo assim, o gerativismo busca construir um modelo teórico capaz de descrever e explicar a natureza e o funcionamento dessa faculdade ( KENEDY, 2016).

Chomsky (1986) define o conhecimento de um falante sobre sua língua como Língua-I, e Língua-E. Por Língua-E, como língua externa, seria a dimensão sociocultural, o léxico mental e a Língua –I, como língua interna, seria a dimensão mental/subjetiva do fenômeno da competência linguística ( KENEDY, 2016).

A teoria chomskyana deixa transparecer que cada língua é o resultado da união entre dois fatores, o mecanismo inicial da aquisição, o qual recebe o *input* da experiência e fornece o *output*, que seria a língua. Sendo assim, o uso efetivo dessa competência inata seria o desempenho linguístico de cada pessoa.

A hipótese é que existem submódulos ou micromódulos internos à linguagem: o módulo fonológico, o morfológico, o lexical, o sintático, o semântico e o pragmático. Embora haja a possibilidade de se analisar cada um desses módulos de maneira particular, é importante lembrar que “todos os módulos e submódulos da mente funcionam de maneira integrada e interdependente, num processo interativo extremamente dinâmico.” (KENEDY, 2013, p. 46).

Além dos aspectos inato, inconsciente e modular da linguagem, outra característica fundamental seria a capacidade criativa da linguagem. Essa capacidade criativa seria responsável pelo fato de a faculdade da linguagem ser algo exclusivamente humano. Nesse caso, o principal componente responsável pelo caráter criativo da linguagem seria a recursividade.

Em termos gerais, a recursividade pode ser entendida como uma propriedade que permite a geração de infinitas possibilidades de expressões com um conjunto finito de elementos, envolvendo a produção e a compreensão de categorias lexicais e funcionais dentro da gramática mental do falante, isto é, de sua sintaxe.

Sob essa ótica, o presente estudo não tratará a linguagem como mero instrumento de comunicação, mas, como afirmam os autores acima, um componente interno da mente. Para tanto, iremos nos basear no quadro teórico gerativista, especialmente no Programa Minimalista. Antes, porém, apresentamos a seguir breve esboço dos modelos da Teoria de princípios e parâmetros com o intuito de contextualizar ainda mais o presente quadro teórico.

O Modelo de Princípios e Parâmetros propõe a existência de princípios universais inatos, os quais estão presentes nas diversas línguas particulares de todos os falantes de todas as línguas naturais. Para cada princípio, tem-se um parâmetro com valor positivo ou negativo, a ser fixado pela criança em fase de aquisição da linguagem. Ao adquirir a língua materna, o falante, por exemplo, fixaria o valor de determinado parâmetro conforme os princípios da faculdade da linguagem. Por exemplo, um dos princípios da GU especifica que toda sentença tem um SN sujeito e um SV predicado. Algumas línguas, entretanto, permitem que o sujeito seja nulo, como é o caso do espanhol. Outras, como o inglês, não permitem sujeito nulo. Assim, em sua fase de aquisição da linguagem, a criança irá fixar positivamente ou negativamente o parâmetro do sujeito nulo de acordo com sua experiência linguística (LIMA, 2010).

No quadro de estudos gerativistas, dentro do Modelo de Princípios e Parâmetros, a Teoria X-barra, especifica as configurações estruturais permitidas nas sentenças. Tal teoria

postula que as categorias lexicais, como nome, adjetivo e verbo, garantem o elemento nuclear de uma categoria sintagmática, como SN, SA, SV.

Sendo assim, segundo Miotto, Silva e Lopes (2016), a teoria X-barra é o módulo da gramática encarregado de demonstrar como se estabelecem as relações dentro de um sintagma.

Segundo Lima (2010), na teoria gerativa estabeleceram-se critérios para se diferenciar categorias lexicais das funcionais, por meio de uma combinação lógica de valores (+ e -) a dois traços distintivos fundamentais [N] e [V], os quais combinados apresentam o quadro abaixo, retirado de Chomsky:

	[+N]	[-N]
[-V]	Nome	preposição
[+V]	Adjetivo	verbo

Quadro 2: (CHOMSKY 1970,1973).

O autor explica que, como podemos perceber, “dessa combinação só resultam as quatro possibilidades acima descritas, não sendo reservado nenhum lugar para os advérbios, isto é, não há, nestes termos, traços categóricos que os definam” (LIMA, 2010, p. 97). Porém, o autor apresenta a classificação de Varrão (1997), o qual insere os advérbios em categorias relativas a Caso e Tempo e finaliza observando que “não é fato incoerente afirmar que os advérbios não têm ponto pacífico de discussão na literatura gerativista.” (LIMA, 2010, p. 98).

O Programa Minimalista proposto por Chomsky (cf. CHOMSKY, 1995, 1999, 2005) considera a linguagem como um sistema computacional que existe apenas o que é indispensável para a geração das sentenças.

Dentro do quadro gerativista, o Programa Minimalista assume dois níveis de representação para uma sentença, a saber, a Forma Fonológica e a Forma Lógica. A Forma Fonológica estabelece interface com o sistema sensorio-motor (interface fonético-fonológico) e a Forma Lógica estabelece interface com o sistema conceitual-intencional (interface semântica) numa inter-relação entre o sistema computacional e os sistemas de desempenho.

Sendo assim, um componente da gramática retirado do léxico, quando combinados por uma série de computações sintáticas realizadas no componente computacional, formam uma estrutura sintática, que é enviada para *Spell-out* e serve de *input* para dois outros componentes da gramática: o componente semântico, que gera uma representação semântica dessa estrutura

sintática, e o fonológico, que gera uma representação fonológica da respectiva estrutura sintática, formam-se então as interfaces, compostas pelo sistema de fala e de pensamento.

Os traços formais são, então, interpretados pela interface semântica. No sistema computacional ocorrem operações como *merge*, *move* e *select*<sup>9</sup>. Essas operações atuam no conjunto dos itens lexicais, os quais são selecionados conforme a necessidade de fala.

Passando por todo esse processo, depois que o sintagma verbal, por exemplo, está formado, o verbo se movimenta até o núcleo do Sintagma de Tempo para ter os traços de tempo valorados.

A seguir falaremos de forma mais detalhada sobre essa checagem de traços por meio da categoria flexão.

## 4.2 A CATEGORIA FLEXÃO NA GRAMÁTICA GERATIVA

No que diz respeito à flexão, destaca-se, em primeiro lugar, que a Flexão (IP)<sup>10</sup> configurava a única categoria funcional heterogênea na estrutura sintática, abarcando traços díspares relacionados à flexão (tempo, concordância, aspecto, modo). Nas propostas gerativistas iniciais, as informações flexionais só seriam incorporadas ao verbo a partir de um movimento. Esse movimento poderia variar de língua para língua: ou o verbo subiria em direção à flexão ou as informações flexionais desciriam em direção ao verbo. Porém, em buscar de um padrão universal, surgiram propostas de reorganização do processo de flexão na árvore sintática. Nessa direção, Pollock (1989) propôs a cisão do nódulo de flexão. A camada flexional, em vez de ser composta por um único nódulo sintático, passaria a ser composta por duas categorias sintagmáticas: uma abrigando os traços de concordância (AgrP)<sup>11</sup> e outra abrigando os traços de tempo (TP<sup>12</sup>), sendo TP a projeção máxima da sentença (RAPOSO, 1994, p.224).

Na Gramática Gerativa, os valores e as informações contidas no léxico de uma língua são chamados de traços. Sob essa ótica, podemos afirmar que cada palavra é, portanto, um conjunto de traços, que podem ser: semânticos, fonológicos e formais (KENEDY, 2013).

<sup>9</sup> Segundo Kenedy (2016), *select* é a operação mais básica, com ela é possível selecionar o item lexical que participará da estrutura, *merge* é uma operação do sistema operacional que tem como finalidade combinar dois objetos e deles gerar um objeto complexo; *move* é uma forma especial de aplicação de *merge*, o termo do inglês significa mover, deslocar; assim, nessa operação, um objeto complexo já formado é deslocado de uma posição para outra dentro da representação que está sendo construída, ela é responsável pela elaboração de vários tipos de representações sintáticas, como voz passiva, oração relativa, topicalização etc. Para maiores detalhes sobre esses conceitos básicos, sugerimos a leitura de Kenedy, (2016).

<sup>10</sup> IP do inglês *inflectional phrase*, significa sintagma flexional.

<sup>11</sup> Agr do inglês *agreement*, significa sintagma de concordância.

<sup>12</sup> TP do inglês, *temporal phrase*, significa sintagma de tempo.

Segundo Chomsky (1995) apud Lima (2010), a checagem de traços tem sido considerada como característica central do Programa Minimalista, sendo assim ao adicionar a morfologia de tempo e concordância a um verbo, automaticamente se impõe que os traços de tempo e concordância sejam conferidos por suas características morfológicas, respectivamente. Sobre estes traços morfológicos, segundo o autor, Chomsky assume que deveriam ser removidos/checados pelas categorias funcionais tempo (T) e concordância (Ag) antes que a derivação alcance FF<sup>13</sup> e FL<sup>14</sup>.

Todas essas observações apresentadas sobre a categoria flexão serão observadas em nossas análises para melhor exemplificar os dados encontrados.

Na próxima seção, apresentaremos o aparato metodológico do nosso trabalho.

### 4.3 O APARATO METODOLOGICO

Para discutir algumas análises sobre a sintaxe das limitações modo-temporais, utilizaremos como método de abordagem, o hipotético-dedutivo, ou seja, o método próprio das ciências- a partir das verdades gerais chega, por deduções lógicas, a outras verdades tão gerais como as primeiras (MONTALVÃO, 1982, p.168).

O método de procedimento será realizado por meio de teste off-line<sup>15</sup> de (in)aceitabilidade, como forma de subsidiar/corroborar nossas hipóteses acerca do fenômeno linguístico em destaque.

No que se refere às frases formuladas para a análise do fenômeno, podemos afirmar que são frutos de dados de introspecção, numa metodologia que consiste em utilizar julgamentos extraídos do pesquisador, de modo a identificar a impressão pessoal de algum estímulo linguístico observado e sua vantagem seria a não necessidade de análises quantitativas exaustivas, além de permitir a elaboração de pesquisas por meio de *insights* sobre muitos fenômenos linguísticos.

Porém, com o intuito de garantir a segurança com relação às causas dos fenômenos investigados, foi elaborado um teste de (in)aceitabilidade, que teve como base a metodologia da psicolinguística experimental na descrição gramatical, utilizada por Kenedy (2015), no que

<sup>13</sup> FF, forma fonética responsável pelo envio da representação sintática até a interface do sistema articulatorio-perceptual, o sistema sensorio-motor.( KENEDY, 2016).

<sup>14</sup> FL, forma lógica, responsável pelo envio da representação sintática até a interface conceitual-intencional, sistema de pensamento.( KENEDY, 2016).

<sup>15</sup> Os teste foram realizados com base na metodologia da Psicolinguística na descrição gramatical utilizada por Kenedy (2015) o qual dispõe que testes off-line são técnicas experimentais utilizadas na pesquisa como medidas de conclusão do processamento cognitivo da informação linguística, ou seja, elas permitem que o pesquisador tenha acesso a dados que representam reflexões conscientes por parte daqueles que participam de uma tarefa experimental.

diz respeito à elaboração de variáveis por meio de um teste *off-line*. O questionário foi desenvolvido por meio de um formulário do *google* e aplicado no ambiente virtual, composto de um conjunto de questões com frases frutos de introspeção, com julgamento de (in)aceitabilidade, apresentadas num percentual de aceitação ou rejeição de uma estrutura sintática numa escala de 0 a 3 e por meio do julgamento de frases binariamente, com opção de alternativa de múltipla escolha, onde os participantes escolheriam a opção que lhes soassem mais natural. Participaram do teste vinte e três estagiários e professores de instituições federais, falantes do PB.

As variáveis escolhidas como condição experimental foram:

- a. Valor modo-temporal;
- b. Valor aspectual;
- c. Interferência da relação com outros constituintes, e aqui analisamos a interferência dos advérbios *antes* e *depois*

O teste teve como objetivo comprovar as hipóteses levantadas em nossa pesquisa com a seguinte questão central: por que acontecem restrições modo-temporais em sentenças introduzidas pelos advérbios *antes* e *depois* encaixadas pelo complementizador *que*, na correlação entre o modo indicativo na matriz *versus* os modos do subjuntivo na encaixada que obrigam a mudança de desinência modo-temporal em tais correlações?

Partindo do que foi exposto até então, na próxima seção passamos a analisar a estrutura interna do sintagma verbal na correlação entre os modos indicativo da oração matriz *versus* os modos do subjuntivo da oração encaixada, numa discussão acerca do comportamento sintático dos advérbios *antes* e *depois* em orações complexas encaixadas pelo complementizador *que*, apresentando nossas justificativas junto aos dados colhidos pelo teste aplicado.

Na próxima seção abordaremos sobre a análise das restrições modo-temporais.

## 5. RESTRIÇÕES MODO-TEMPORAIS

Esta seção traz as análises do nosso estudo e tendo em vista que algumas hipóteses foram levantadas para justificá-lo, dividimos esta seção em dois pontos. Primeiramente apresentaremos uma análise do sintagma verbal numa relação modo-temporal para, então, discutirmos sobre as análises junto aos dados coletados.

### 5.2 ANÁLISE DO SINTAGMA VERBAL NUMA RELAÇÃO MODO-TEMPORAL

Na descrição dos termos da sentença, ao analisarmos o sintagma verbal, podemos observar sua complexidade com base na interpretação que se dá ao morfema flexional verbal no PB, o qual carrega noções de tempo e de modo, além da noção aspectual.

No sufixo flexional de tempo verbal, “há acumulação da noção de “modo” (indicativo, subjuntivo, imperativo), e, num tempo pretérito, por exemplo, a do aspecto inconcluso, ou “imperfeito”, do processo verbal referido” (CAMARA, 2015, p.85)

De acordo com Camara (2015), o tempo verbal se refere ao momento da ocorrência da comunicação; o modo verbal se refere a um julgamento implícito do falante a respeito da natureza da comunicação.

Segundo Castilho (2016), uma sentença se compõe do *modus*<sup>16</sup> e do *dictum*. No PB temos os modos: indicativo, subjuntivo e o imperativo, todos eles representam um ato de fala.

O modo se gramaticalizou no português por meio de sufixos modo-temporais, no caso do indicativo, do subjuntivo e do imperativo representados num sintagma simples, já no caso de sintagmas compostos a gramaticalização pode ser vista por meio de morfemas-vocábulos, ou seja, verbos auxiliares (CASTILHO, 2016).

Ainda segundo Castilho (2016), na análise sobre os modos, a representação morfológica do indicativo se dá por meio de sufixos que representam cumulativamente a característica de modo-temporais. Do ponto de vista sintático, o indicativo predomina nas sentenças asseverativas e interrogativas. Do ponto de vista semântico, expressa uma avaliação do *dictum* como um estado de coisa real, verdadeiro.

Com relação ao modo subjuntivo, do ponto de vista morfológico ele se faz por meio de sufixos, do ponto de vista sintático, se encontra predominantemente nas sentenças subordinadas. Semanticamente, o subjuntivo expressa um estado de dúvida.

---

<sup>16</sup> “Entende-se por *modus*, no português modo, a avaliação que o falante faz sobre o *dictum*, considerando-o real, irreal, possível ou necessário.” (CASTILHO, 2016)

O modo imperativo<sup>17</sup> dispõe de morfemas próprios em sua forma afirmativa, tomando morfemas de empréstimo ao subjuntivo em sua forma negativa. Do ponto de vista sintático, é o modo de sentenças simples e do ponto de vista semântico, expressa ordem ou pedido.

Para a análise que vamos adotar, se faz necessário adotar uma noção de complementação com a junção de dois eixos, o sintático e o semântico, a ideia é que a relação de dependência semântica entre os argumentos acaba espelhando uma assimetria sintática que resulta em sentenças consideradas aceitáveis pelos falantes nativo do PB.

Em nossas análises as generalizações semânticas serão determinadas pela relação do verbo com seus argumentos, numa estrutura de subordinação, mediante a presença dos advérbios *antes* e *depois* em estruturas complexas com o complementizador *que*, e as questões pertinentes à concordância verbal estarão associadas à posição estrutural dos argumentos dentro da sentença na correlação modo-temporal.

Levando em consideração os pressupostos gerativistas, segundo Cyrino, Nunes e Pagotto (2009): “do ponto de vista semântico, um verbo não somente determina o número de argumentos a ser projetado na sintaxe, como também especifica que tipos de relações semânticas se estabelecem entre tais argumentos e o processo descrito pelo verbo”(CYRINO; NUNES e PAGOTTO 2009, p. 50).

Segundo Rocha & Lopes, o tempo, no português, é marcado morfológicamente no verbo por meio das desinências e “trata-se de uma categoria dêitica” (ROCHA & LOPES, 2009; ILARI, 2002; NEVES, 2002), pois sua interpretação se dá relativamente ao momento em que um enunciado é feito e pode ser veiculado também, por meio de adjuntos.

O núcleo do sintagma flexional carrega tanto informação sobre concordância, como informação temporal (ROCHA & LOPES, 2009, p. 232).

Essas informações são importantes para as nossas análises, pois além de informações sintáticas, levaremos em consideração também valores aspectuais e modo-temporais das estruturas, além da relação entre os constituintes da sentença, como a interferência os advérbios *antes* e *depois*.

Sendo assim, na próxima subseção, apresentaremos nossas análises.

---

<sup>17</sup> No decorrer da pesquisa, achamos pertinente fazer um recorte e retiramos das análises o modo imperativo, com a pretensão de que ele seja objeto de estudo em trabalho futuro.

### 5.3 ANÁLISE MODO-TEMPORAL

A semântica do subjuntivo pode ser definida em oposição a do indicativo, do infinitivo e do imperativo, por ser um modo não realizado pelo fato de exprimir dúvida, como visto na seção anterior. Na análise de orações complexas mediante a correlação destes modos, quando introduzimos na oração encaixada os advérbios temporais *antes* e *depois*, a flexão modo-temporal da oração encaixada parece sofrer algumas restrições.

Podemos observar que o tempo da oração muda de acordo com a escolha do advérbio, numa relação de tempo anterior ou posterior da oração encaixada na correlação com a matriz, como no exemplo a seguir:

(45). “Ele atingiu seu objetivo *antes* que o sol se pusesse”.<sup>18</sup>

Neste exemplo é possível observar que o advérbio *antes* caracteriza anterioridade, ou seja, sua presença ajuda a entender o tempo da sentença, assim o objetivo foi atingido antes do pôr do sol e não depois.

A flexão verbal modo-temporal influencia na construção de gramaticalidade da sentença.

Sendo assim, em nossas análises, quando incluimos os advérbios *antes e depois* na posição pós-verbal da sentença matriz, em orações encaixadas pelo complementizador *que*, observamos restrições impostas ao licenciamento modo-temporal.

Diante de todo o exposto, passamos a discutir o fenômeno do nosso estudo, junto aos dados coletados nos testes de (in)aceitabilidade, começando pelo tempo presente do indicativo na oração matriz em correlação com os tempos do subjuntivo na oração encaixada.

---

<sup>18</sup> Exemplo retirado de Vilela & Koch (2001 p. 174).

### 5.3.1 O Presente do indicativo na matriz em correlação com os tempos do Subjuntivo na encaixada.

#### (46) Presente do indicativo X Presente do subjuntivo

ANTES

- a) A advogada responde *antes* que o juiz interrogue.
- b) O músico toca *antes* que ela peça.

DEPOIS

- c) \*A advogada responde *depois* que o juiz interrogue<sup>19</sup>.
- d) \*O músico toca *depois* que ela peça.

#### (47) Presente do indicativo X Pretérito Imperfeito do subjuntivo

ANTES

- a) A advogada responde *antes* que o juiz interrogasse.
- b) O músico toca *antes* que ela pedisse.

DEPOIS

- c) A advogada responde *depois* que o juiz interrogasse.
- d) O músico toca *depois* que ela pedisse.

#### (48) Presente do indicativo X Futuro do subjuntivo

ANTES

- a) A advogada responde *antes* que o juiz interrogar.
- b) O músico toca *antes* que ela pedir.

DEPOIS

- c) A advogada responde *depois* que o juiz interrogar.

---

<sup>19</sup> Agradecemos as análises minuciosas do prof. Dr. Adeilson Sedrins e observamos que em alguns exemplos, a encaixada por si só apresenta uma leitura agramatical e em alguns casos se fosse substituída pelo modo indicativo a gramaticalidade seria recuperada, porém esta leitura não foi objeto do presente estudo, podendo ser analisada em estudo posterior.

d) O músico toca *depois* que ela pedir.

O tempo presente do modo indicativo, tem como característica um valor aspectual não acabado e indeterminado.

Como podemos observar nas análises, a restrição acontece apenas na presença do advérbio *depois*, na correlação com o presente do subjuntivo, como podemos observar nos exemplos (46c) e (46d), tais restrições parecem resultar de uma interferência de valor aspectual de futuro do advérbio, cuja preferência se dá na correlação com o tempo futuro do subjuntivo na encaixada.

Na análise do presente do indicativo na oração matriz, na correlação com o presente do subjuntivo na encaixada, foi registrado um alto índice de inaceitabilidade na presença do advérbio *depois*, 60,9% dos participantes atribuíram nota zero para a sentença, 13% classificaram a sentença como pouco natural e apenas 26,1 % consideraram a sentença plenamente aceitável, como podemos observar no gráfico abaixo:

## PRESENTE DO INDICATIVO X PRESENTE DO SUBJUNTIVO

### 16. O músico toca depois que ela peça.

23 respostas

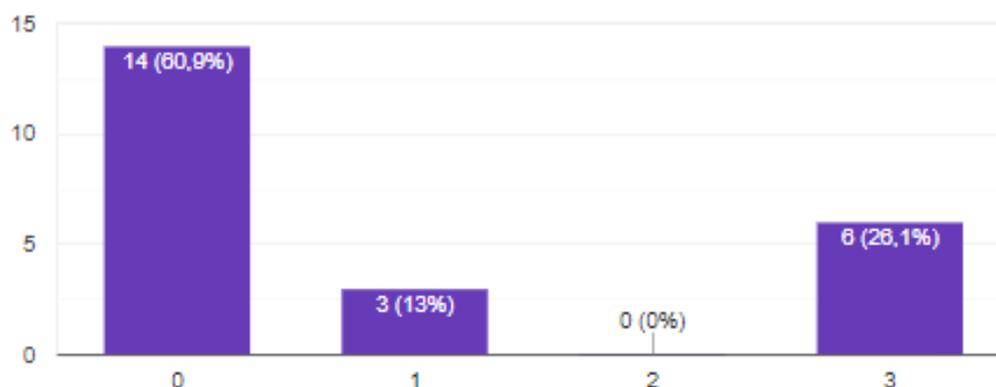


Gráfico 1: Teste de aceitabilidade na correlação do presente do indicativo na matriz *versus* o presente do subjuntivo na encaixada na presença do advérbio *depois*.

No gráfico abaixo, podemos observar a preferência pelo tempo futuro na encaixada, na presença do advérbio *depois*. A aceitabilidade é maior na correlação com o tempo futuro

do subjuntivo, com 60,9% em detrimento ao tempo presente do subjuntivo, com apenas 39,1% de aceitabilidade.

## PRESENTE DO INDICATIVO X FUTURO DO SUBJUNTIVO

### 3.Qual frase soa mais natural?

23 respostas

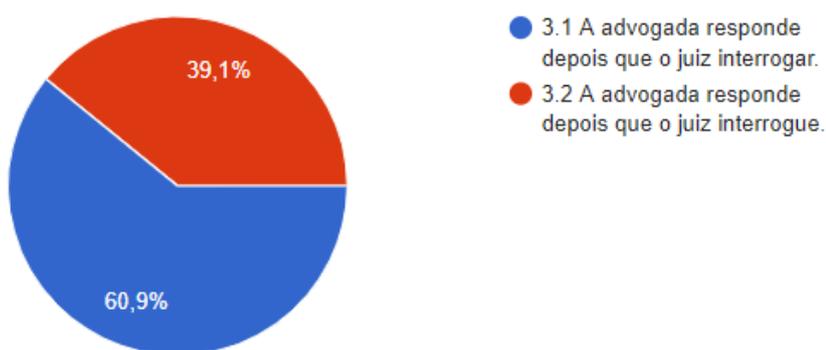


Gráfico 2: Teste de aceitabilidade na correlação do presente do indicativo na matriz *versus* o futuro do subjuntivo na encaixada na presença do advérbio *depois*.

Com base nos dados, na análise do presente do indicativo na matriz, levando em consideração seu valor de simultaneidade e seu caráter imperfectivo, observamos que a correlação com o presente do indicativo fracassa na presença dos advérbios *depois*, o que nos mostram que, nesse caso, o advérbio interfere na condição temporal cronológica do evento devido o seu valor de sequencialidade posterior, este fato pode ser analisado em outras correlações, pois em vários exemplos observamos a preferência do advérbio *depois* na correlação com o tempo no futuro.

Passamos a analisar o pretérito perfeito do indicativo na correlação com os tempos do subjuntivo na subseção a seguir.

**5.3.2 O Pretérito Perfeito do indicativo na matriz em correlação com os tempos do Subjuntivo na encaixada.**

**(49) Pretérito Perfeito do indicativo X Presente do subjuntivo**

ANTES

- a) \*A advogada respondeu *antes* que o juiz interrogue.
- b) \*O músico tocou *antes* que ela peça.

DEPOIS

- c) \*A advogada respondeu *depois* que o juiz interrogue.
- d) \*O músico tocou *depois* que ela peça.

**(50) Pretérito Perfeito do indicativo X Pretérito Imperfeito do subjuntivo**

ANTES

- a) A advogada respondeu *antes* que o juiz interrogasse.
- b) O músico tocou *antes* que ela pedisse.

DEPOIS

- c) A advogada respondeu *depois* que o juiz interrogasse.
- d) O músico tocou *depois* que ela pedisse.

**(51) Pretérito Perfeito do indicativo X Futuro do subjuntivo na encaixada**

ANTES

- a) \*A advogada respondeu *antes* que o juiz interrogar.
- b) \*O músico tocou *antes* que ela pedir.

DEPOIS

- c) \*A advogada respondeu *depois* que o juiz interrogar.
- d) \*O músico tocou *depois* que ela pedir.

O pretérito perfeito apresenta uma característica de tempo completo, anterior ao momento da fala, sendo assim podemos deduzir que na presença de advérbios com valor aspectual de tempo determinado e completo, ocorre uma harmonia estrutural, o que não acontece se os constituintes apresentarem um valor divergente, talvez seja essa a explicação para justificar as restrições que ocorrem na correlação com o presente do subjuntivo, um tempo não acabado, nos exemplos em (49a), (49b), (49c) e (49d).

Observamos que na presença do advérbio *depois*, a preferência do pretérito perfeito na matriz se dá na correlação com o futuro do subjuntivo, porém, na presença do advérbio *antes*, ocorre uma restrição, essas hipóteses foram comprovadas no teste de (in)aceitabilidade, como podemos observar no gráfico abaixo:

### PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO X FUTURO DO SUBJUNTIVO

Atribua um valor de aceitabilidade/naturalidade para as frases abaixo: \*

	ACEITÁVEL/ NATURAL	NÃO ACEITÁVEL/ NENHUMA NATURALIDADE	RELATIVAMENTE ACEITÁVEL/ UM POUCO NATURAL	Pontuação
A advogada responderá antes que o juiz interrogasse.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	____ / 0
O músico tocava depois que ela pedir.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	____ / 0
A advogada responderá depois que o juiz interrogasse.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	____ / 0
O músico tocou antes que ela pedir.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	____ / 0

Gráfico 3: descrição da sentença 51b no questionário aplicado.

O gráfico abaixo mostra a porcentagem com relação a naturalidade da sentença:

### PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO X FUTURO DO SUBJUNTIVO

Atribua um valor de aceitabilidade/naturalidade para as frases abaixo:

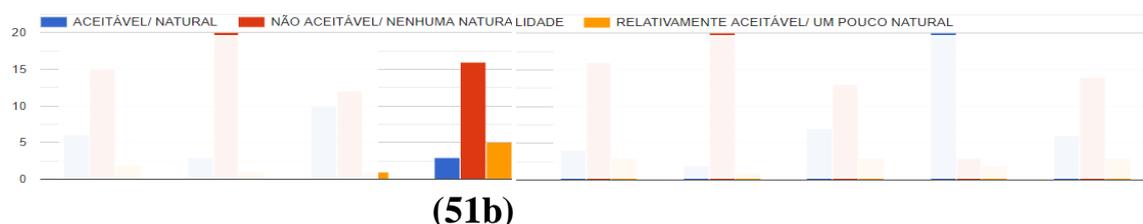


Gráfico 4: Teste de aceitabilidade na correlação do pretérito perfeito do indicativo na matriz versus o futuro do subjuntivo na encaixada na presença do advérbio *antes*.

A sentença referente aos dados analisados no gráfico é a mesma do exemplo (51b). Podemos observar um alto índice de rejeição, na presença do advérbios *antes*, na correlação com o futuro do subjuntivo, como já verificado nos exemplos em (51 a) e (51b) e aqui comprovado nos dados, onde 15% dos participantes consideram que a sentença não possui nenhuma naturalidade, conforme o índice em vermelho, 5% consideraram a sentença relativamente natural, conforme o índice em amarelo e menos de 3% dos participantes consideraram a sentença natural, conforme o índice em azul.

Fazendo um resumo dos dados analisados, como pudemos observar, no caso do pretérito perfeito do indicativo na matriz, observou-se restrições de valor aspectual na correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo na encaixada, ou seja, o valor perfectivo parece restringir a concordância com o valor imperfectivo nestas correlações na presença dos advérbios *antes* e *depois*. E na presença do advérbio *antes*, foi observado limitações modotemporais na correlação com o futuro, fato que se repete em outras correlações, o que nos mostra uma certa restrição deste advérbio com o tempo futuro na encaixada.

### **5.3.3 O Pretérito Imperfeito do indicativo na matriz em correlação com os tempos do Subjuntivo na encaixada**

#### **(52) Pretérito Imperfeito do indicativo X Presente do subjuntivo**

ANTES

- a) \*A advogada respondia *antes* que o juiz interrogue.
- b) \*O músico tocava *antes* que ela peça.

DEPOIS

- c) \*A advogada respondia *depois* que o juiz interrogue.
- d) \*O músico tocava *depois* que ela peça.

#### **(53) Pretérito Imperfeito do indicativo X Pretérito Imperfeito do subjuntivo**

ANTES

- a) A advogada respondia *antes* que o juiz interrogasse.
- b) O músico tocava *antes* que ela pedisse.

## DEPOIS

- c) A advogada respondia *depois* que o juiz interrogasse.
- d) O músico tocava *depois* que ela pedisse.

**(54) Pretérito Imperfeito do indicativo X Futuro do subjuntivo**

## ANTES

- a) \*A advogada respondia *antes* que o juiz interrogar.
- b) \*O músico tocava *antes* que ela pedir.

## DEPOIS

- c) \*A advogada respondia *depois* que o juiz interrogar.
- d) \*O músico tocava *depois* que ela pedir.

As formas de pretérito imperfeito correspondem a fatos que complementam e explicitam o evento situacional numa representação aspectual de continuidade, onde a duração do processo verbal se apresenta no passado, expressa situações num quadro temporal relativo, implicando um aspecto mais ou menos durativo.

Na análise do pretérito imperfeito do indicativo na oração matriz, a preferência fica por conta do pretérito imperfeito do subjuntivo na encaixada, com 91,3% da aceitabilidade. Uma outra observação que podemos perceber com o resultado dos dados, foi a porcentagem de apenas 8,7% com relação à correlação com o presente do subjuntivo, tal índice nos mostra uma rejeição com relação ao tempo presente do subjuntivo na encaixada, na presença do advérbio *antes* e *depois*, como verificado nos exemplos (52c) e (52d) mostrados acima e agora comprovados nos dados, como podemos observar no gráfico a seguir:

## PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO X PRESENTE DO SUBJUNTIVO

### 8.Qual frase soa mais natural?

23 respostas

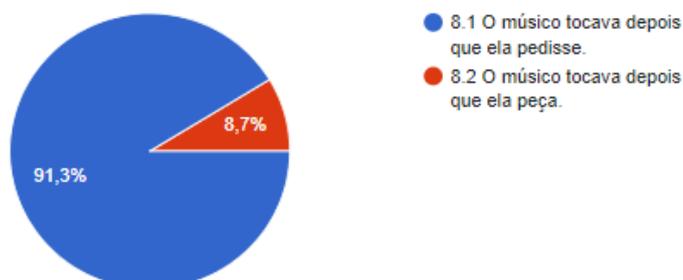


Gráfico 5: Teste de aceitabilidade na correlação do pretérito imperfeito do indicativo na matriz *versus* o presente do subjuntivo na encaixada na presença do advérbio *depois*.

Como vimos nas análises, em (53 a), (53b), (53c) e (53d), a aceitabilidade na correlação entre o pretérito imperfeito do indicativo com o pretérito imperfeito do subjuntivo, ocorre tanto na presença do advérbio *depois*, como vimos acima e é ainda maior com o advérbio *antes*, como podemos observar no gráfico abaixo, com aceitabilidade de 100%.

## PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO X FUTURO DO SUBJUNTIVO

### 11.Qual frase soa mais natural?

23 respostas

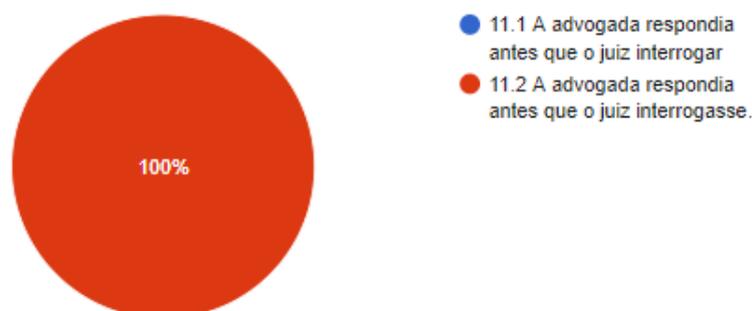


Gráfico 6: Teste de aceitabilidade na correlação do pretérito imperfeito do indicativo na matriz *versus* o futuro do subjuntivo na encaixada na presença do advérbio *antes*.

E, mais uma vez, o gráfico mostra que na presença do advérbio *antes*, as restrições se apresentam na correlação com o futuro do subjuntivo na encaixada, como nos exemplos (54c) e (54d) em nossas análises e comprovado pela porcentagem marcada nos dados, com 100% de rejeição.

Diante dessas características apresentadas pelo tempo pretérito imperfeito do indicativo na matriz, as restrições ocorridas nas correlações das orações encaixadas parecem resultar de um valor aspectual, de anterioridade do advérbio *antes* que mais uma vez mostra restrição na correlação com o futuro.

Com base nos dados apresentados podemos perceber que no tempo pretérito imperfeito do indicativo na matriz, as restrições são causadas na correlação com o futuro do subjuntivo na encaixada, na presença dos advérbios *antes* e *depois*, neste contexto o valor de modo-temporal parece ser a restrição, pois não há concordância entre uma ação que ainda é uma probabilidade com uma ação que ainda não acabou.

### **5.3.4 O Futuro do Presente do indicativo na matriz em correlação com os tempos do Subjuntivo na encaixada**

#### **(55) Futuro do presente do indicativo X Presente do subjuntivo**

ANTES

- a) A advogada responderá *antes* que o juiz interrogue.
- b) O músico tocará *antes* que ela peça.

DEPOIS

- c) A advogada responderá *depois* que o juiz interrogue.
- d) O músico tocará *depois* que ela peça.

#### **(56) Futuro do presente do indicativo X Pretérito Imperfeito do subjuntivo**

ANTES

- a) \*A advogada responderá *antes* que o juiz interrogasse.
- b) \*O músico tocará *antes* que ela pedisse.
- c) \*A advogada responderá *depois* que o juiz interrogasse.

d) \*O músico tocará *depois* que ela pedisse.

### (57) Futuro do presente do indicativo X Futuro do subjuntivo

#### ANTES

- a) A advogada responderá *antes* que o juiz interrogar.
- b) O músico tocará *antes* que ela pedir.

#### DEPOIS

- c) A advogada responderá *depois* que o juiz interrogar.
- d) O músico tocará *depois* que ela pedir.

O tempo futuro do presente na oração matriz apresenta características de uma declaração que ainda irá se realizar, numa ação posterior ao ato da fala. Nas análises observamos restrições na correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo, na presença dos advérbios *antes e depois*.

Uma hipótese levantada seria essa característica de probabilidade futura trazida pelo tempo do presente do futuro, com a qual não se pode verificar a veracidade ou falsidade do evento futuro.

Neste caso, as restrições seriam de valor modo-temporal, com base na incompatibilidade dos tempos verbais, pois o tempo da encaixada por estar no pretérito imperfeito, apresenta uma ação durativa no passado e desta forma não pode ser o complemento de uma ação futura, ocorrendo, assim, uma restrição. Os dados comprovam nossas análises, como podemos verificar abaixo:

### FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO X PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Atribua um valor de aceitabilidade/naturalidade para as frases abaixo: *				
	ACEITÁVEL/ NATURAL	NÃO ACEITÁVEL/ NENHUMA NATURALIDADE	RELATIVAMENTE ACEITÁVEL/ UM POUCO NATURAL	Pontuação
A advogada responderá antes que o juiz interrogasse.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	____ / 0
O músico tocava depois que ela pedir.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	____ / 0
A advogada responderá depois que o juiz interrogasse.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	____ / 0
O músico tocou antes que ela pedir.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	____ / 0

Gráfico 7: descrição das sentenças (56 a) e (56 c) no questionário aplicado.

O gráfico abaixo mostra a porcentagem com relação a naturalidade da sentença:

## FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO X PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Atribua um valor de aceitabilidade/naturalidade para as frases abaixo:

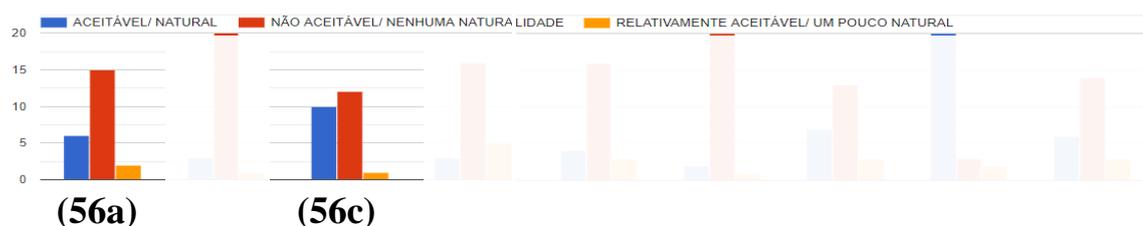


Gráfico 8: Teste de aceitabilidade na correlação do futuro do presente do indicativo na matriz *versus* o pretérito imperfeito do subjuntivo na encaixada na presença dos advérbios *antes* e *depois*.

Podemos observar que as restrições ocorreram tanto com o advérbio *antes*, quanto com o advérbio *depois*. Como verificamos nos exemplos em (56 a), (56b), (56c) e (56d).

Por fim, podemos resumir os dados, observando que nas análises com o futuro do presente do indicativo na matriz, observamos que as restrições ocorrem com o pretérito imperfeito do subjuntivo na encaixada, por restrições modo-temporais, pois não há concordância entre o tempo futuro (que possui como características principal uma probabilidade futura), com o valor imperfectivo trazido pelo tempo pretérito imperfeito do subjuntivo, pois não há compatibilidade modo-temporal de um evento que ainda é uma probabilidade se relacionar *antes* ou *depois* de um acontecimento com duração no passado.

### 5.3.5 O Futuro do Pretérito do indicativo na matriz em correlação com os tempos do Subjuntivo na encaixada

#### (58) Futuro do pretérito do indicativo X Presente do subjuntivo

ANTES

- a) \*A advogada responderia *antes* que o juiz interrogue.
- b) \*O músico tocaria *antes* que ela peça.

DEPOIS

- c) \*A advogada responderia *depois* que o juiz interrogue.
- d) \*O músico tocaria *depois* que ela peça.

#### (59) Futuro do pretérito do indicativo X Pretérito Imperfeito do subjuntivo

ANTES

- a) A advogada responderia *antes* que o juiz interrogasse.
- b) O músico tocaria *antes* que ela pedisse.

DEPOIS

- c) A advogada responderia *depois* que o juiz interrogasse.
- d) O músico tocaria *depois* que ela pedisse.

#### (60) Futuro do pretérito do indicativo X Futuro do subjuntivo

ANTES

- a) A advogada responderia *antes* que o juiz interrogar.
- b) O músico tocaria *antes* que ela pedir.

DEPOIS

- c) A advogada responderia *depois* que o juiz interrogar.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Observamos que em alguns casos a leitura de subjuntivo se encontra prejudicada na correlação, pois semanticamente o contexto sintático apresenta uma leitura de indicativo, porém esta questão foge do foco do presente estudo e por esse motivo não foi levada em consideração.

d) O músico tocaria *depois* que ela pedir.

Nas correlações com valor de futuro do pretérito, foi observado características de um tempo que marca posterioridade de uma situação sobre fatos passados.

Uma outra característica seria a presença de uma condição pressuposta e perfeitamente deduzível nas correlações, e este deve ter sido o motivo pelo qual as correlações com o pretérito imperfeito na encaixada são bem formadas, exatamente porque esse tempo verbal corrobora com essa condição.

Percebe-se que essa característica de condicionalidade é o que o difere o tempo futuro do pretérito, do tempo futuro do presente, pois nesse se parte de um mundo possível para um mundo real e naquele, se parte de uma afirmação condicionada referente a fatos que não se realizaram e que, provavelmente, não se realizarão; ou que, para se realizar, dependem de uma condição.

Na análise da sentença no futuro do pretérito na matriz, observamos uma preferência com relação ao tempo de característica imperfectiva, pois nesse caso a aceitabilidade, conforme os dados, é de 87% quando a encaixada está no pretérito imperfeito do subjuntivo. Observamos também que ocorre uma inaceitabilidade com relação ao presente do subjuntivo na encaixada, como podemos observar no percentual de apenas 13%, como verificamos nos exemplos em (58b) e (58d), comprovadas nos gráficos abaixo.

## FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO X PRESENTE DO SUBJUNTIVO

### 9. Qual frase soa mais natural?

23 respostas

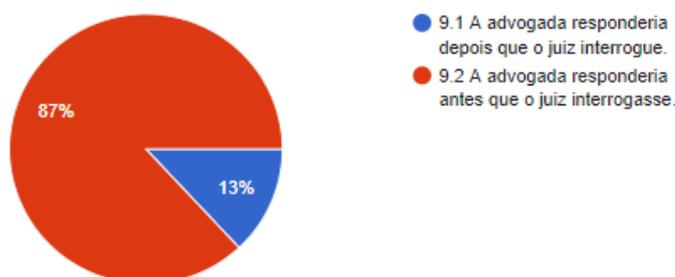


Gráfico 9: Teste de aceitabilidade na correlação do futuro do pretérito do indicativo na matriz *versus* o presente do subjuntivo na encaixada na presença do advérbio *depois*.

É possível observar um alto índice de rejeição com relação a correlação com o tempo no presente do subjuntivo na presença do advérbio *depois*, e um alto índice de aceitabilidade, no percentual de 95,7%, na correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo, como podemos observar nos dados apresentados pelo gráfico a seguir.

## FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO X PRESENTE DO SUBJUNTIVO

### 10. Qual frase soa mais natural?

23 respostas



Gráfico10: Teste de aceitabilidade na correlação do futuro do pretérito do indicativo na matriz *versus* o presente do subjuntivo na encaixada na presença do advérbio *depois*.

Nas correlações com valor de futuro do pretérito do indicativo na matriz, a restrição aconteceu na presença do advérbio *depois* na correlação com o presente do subjuntivo, a justificativa seria a interferência do valor cronológico de sequencialidade posterior trazido pelo advérbio que interfere na concordância de um tempo não acabado derivar de uma ação condicional pressuposta.

Na seção a seguir apresentaremos nossas considerações finais sobre o fenômeno objeto de nosso estudo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou investigar e analisar as restrições modo-temporais apresentadas em estruturas complexas na correlação entre os tempos do modo do indicativo *versus* os tempos do modo subjuntivo, na presença dos advérbios *antes* e *depois* tendo como objetivo geral explicar a estrutura linguística nessas correlações.

Sendo assim, após a apresentação de três variáveis, a saber: valor modo-temporal, valor aspectual e interferência dos advérbios *antes* e *depois*, que influenciaram nas concepções de tempo, do sintagma verbal, buscamos refleti-las à luz dos pressupostos gerativistas na estrutura de análise por meio dos testes de gramaticalidade baseado em Kenedy (2015).

Como esse quadro teórico centra seus esforços nas operações ocorridas no sistema computacional, em que, como vimos, tempo é um nóculo funcional que atrai verbos, possibilitando a derivação de uma sentença, nosso foco esteve centrado em compreender a flexão de tempo, pois é nela que estão guardados os traços temporais, objeto de nosso estudo.

Nossa investigação objetivou identificar características sobre a manifestação de tempo e de aspecto nas restrições modo-temporais na presença dos advérbios *antes* e *depois* em sentença no português brasileiro.

Após a exposição e explicação, na seção 5, de todos os dados obtidos no teste de (in)aceitabilidade, fizemos algumas considerações sobre os resultados que tivemos. O levantamento de dados revelou diversos pontos que podem explicar as restrições modo-temporais das sentenças analisadas.

Inicialmente, a nossa inquietação se deu com base na questão central: por que acontecem restrições modo-temporais em sentenças introduzidas pelos advérbios *antes* e *depois* encaixadas pelo complementizador *que*, na correlação entre o modo indicativo na matriz *versus* os modos do subjuntivo na encaixada que obrigam a mudança de desinência modo-temporal em tais correlações?

Com base em nossas análises, podemos responder esta questão argumentando que valores modo-temporais, valores aspectuais, e a interferência dos advérbios *antes* e *depois*, na correlação da estrutura complexa, são as causas dessas restrições.

Sendo assim, essas foram as variáveis utilizadas no teste que comprovaram tais restrições, as quais respondem uma parte das outras questões por nós levantadas: diante de quais variáveis ocorrem essas restrições?

Com relação à terceira pergunta: os advérbios *antes* e *depois* interferem ou não na flexão modo-temporal, se sim, em quais tempos essas interferências aparecem e por quê?

Em nossas análises percebemos que cada modo verbal por terem suas próprias características, reage de forma específica na presença dos advérbios *antes* e *depois*, causando restrições diversas, como apresentamos de forma detalhada na seção anterior.

De forma geral, podemos concluir que as interferências na presença nos advérbios *antes* e *depois* podem acontecer com base no valor modo-temporal e com base no valor aspectual. No que tange ao advérbio *depois*, observamos que, na maioria dos casos, ele concorda melhor com o futuro na encaixada e com relação ao advérbio *antes*, observamos que ele quase sempre restringe o tempo futuro na encaixada.

Por fim, nossa pesquisa procurou explicitar hipóteses de combinação das formas verbais que emergem das análises, numa abordagem sintática, buscando sugerir explicações para possíveis restrições modo-temporais nas correlações entre o modo indicativo *versus* o modo subjuntivo na presença dos advérbios *antes* e *depois*.

Entendemos que, mesmo trabalhando apenas com tendências, já que nossa amostragem não foi volumosa, os dados apresentados nos apontaram uma série de características importantes, cujo estudo pode ser, inclusive, aprofundado em outros trabalhos.

Por outro lado, entendemos também que, o fato de que nossas investigações se fundamentaram na concepção de estudo gerativista, essa pequena amostra já pode nos apontar algumas tendências da representação mental de elementos que entram na composição das correspondências analisadas no sintagma verbal com base em valores modo-temporais e aspectuais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46 ed. São PAULO: SARAIVA, 2009.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

BRAGA, M.L, KATO A.M e MIOTO, C. As construções-q no português brasileiro falado IN. NASCIMENTO, M. do e KATO, M.A **Gramática do Português culto falado no Brasil**. coordenação Geral: Ataliba T. de Castilho; organização: Mary Aizawa Kato, Milton do Nascimento. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

CAMARA JÚNIOR, J.M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CASTILHO, A. T. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. São Paulo: Marília, 1968. In: CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. **O tempo nos verbos do português**. São Paulo: Parábola, 2005.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do Português brasileiro** São Paulo: contexto,. 2016

CHIZZOTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da Sintaxe**. Tradução de José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra: Arménio Amado. 1975.

CHOMSKY, N. **A Minimalist Program for Linguistic Theory**. In HALE, K; S. J. KEYSER (Eds). *The View From Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. **Minimalist Inquiries: the framework**. Cambridge: MIT Press, 1998.  
162

CHOMSKY, N. On phases. In: FREIDIN, Robert; OTERO, Carlos, P.; ZUBIZARRETA, Maria Luisa (Orgs.) **Foundational issues in linguistic theory: essays in honor of Jean-Roger Vergnaud**. Cambridge: MIT Press, 2008.

CINQUE, G. **Adverbs and functional heads: a cross-linguistics perspective**. New York. Oxford University Press, 1999.

CYRINO S., NUNES, J., PAGOTTO, E. Complementação. In. NASCIMENTO, M. do e KATO, M. A. **Gramática do Português culto falado no Brasil**. coordenação Geral: Ataliba T. de Castilho; organização: Mary Aizawa Kato, Milton do Nascimento. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

ILARI R. **Gramática do Português Falado**. volume II: níveis de análise linguística. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

ILARI, R. Sobre os advérbios aspectuais. In: ILARI, Rodolfo. (Org.). **Gramática do Português Falado** volume II: níveis de análise linguística. Campinas: Editora Unicamp, 2002.

KATO, M.; TARALLO, F.; N. J.; Preenchedores Sintáticos nas Fronteiras de Constituintes In: CASTILHO, A. T. **Gramática do Português Falado III**: as abordagens. Campinas: Editora Unicamp, 1993.

KATO, A. ET AL. Padrões de predicação no português falado no Brasil in KOCH, I.G.V. **Gramática do Português falado**. volume VI: desenvolvimento. 2ª ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

KATO, M. E MIOTO, C. A arquitetura da gramática in **Gramática do português culto falado no Brasil** / coordenação Geral: Ataliba T. de Castilho; organização: Mary Aizawa Kato, Milton do Nascimento. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

KENEDY, E. **Curso Básico de Linguística Gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

KENEDY, E. **A Psicolinguística na Descrição Gramatical**, 2015.

KENEDY, E. **Para conhecer sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, I.G.V. **Gramática do Português falado**. volume VI: desenvolvimento. 2ª ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

LIMA, R. B. **Advérbios focalizadores no português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

LIMA, R. B. **Características morfossintáticas dos advérbios no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

MIOTO, C. & KATO, M. Aspectos sintáticos da subordinação sentencial. in RODRIGUES, A.S. **Gramática do Português falado**. volume VIII: novos estudos descritivos. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

MIOTO, C; SILVA, M.C.F; LOPES, R. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2016.

MONTALVÃO, A. **Biblioteca de ciências exatas e humanas**. vol.2. São Paulo: Nova Brasil, 1982.

MOURA, M.D e SIBALDO. M.A.S. **Estudos e pesquisa em teoria da gramática**. Maceió: EDUFAL, 2013.

NEVES, M.H DE M. Os advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo). In: ILARI, Rodolfo. (Org.). **Gramática do Português Falado** volume II: níveis de análise linguística. Campinas: Editora Unicamp, 2002.

PONTES, E. S. L. **Espaço e tempo na língua portuguesa**. Campinas, Sp: Pontes, 1992

RAPOSO, E. P. **Teoria da Gramática. A faculdade da linguagem**. Lisboa: Caminho, 1992.

ROCHA, M.A e LOPES, R.V. Adjunção in **Gramática do português culto falado no Brasil** / coordenação Geral: Ataliba T. de Castilho; organização: Mary Aizawa Kato, Milton do Nascimento. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

VILELA, M.; KOCH, I. G. V. **Gramática da língua portuguesa**: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso. Lisboa, PO Almedina 2001

WACHOWICZ, T.C e FOLTRAN, M. J. **Sobre a noção de aspecto**. Cad. Est. Ling, Campinas, 2006.